



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Livros e Capítulos de Livros - MAC

2013

Famílias no museu de arte e formação de hábitos culturais de crianças e adolescentes

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/46542>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo

Famílias no museu de arte e formação de hábitos culturais de crianças e adolescentes

ANDREA ALEXANDRA DO AMARAL SILVA E BIELLA*

Apresentação

Existem várias maneiras de aprender as coisas. A mais convencional delas é a do discurso pedagógico, a fala organizada que pretende nos ensinar o que precisamos saber. Mas aquela que nos marca de modo mais profundo e duradouro é sempre a da observação do gesto do outro, o exemplo do qual somos testemunhas e cujo significado reconhecemos visceralmente.

CACÁ DIEGUES¹

Recentemente visitando um museu numa outra cidade, nos arredores de um jardim botânico, encontrei uma família com uma criança de cerca de três anos que corria incessantemente para todos os lados enquanto os pais tentavam se concentrar na exposição. Incomodada com os pais que não a pegavam no colo, não lhe davam a mão (pensando na postura adequada) ou podiam tirá-la dali (pensando na insatisfação da criança, demonstrada pela correria e

* Mestra em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo; educadora do Museu de Arte Contemporânea da USP.

1. Cacá Diegues. In: COLOMBINI, 2006, p. 5.

sons altos que fazia), ouço da pequena: “aqui está chato” e do pai: “museu é chato, mas é bonito”. E ele continuou a visitar a exposição e deixou a criança correr mais, aos gritos de euforia, atrapalhando os demais visitantes como eu.

Concordo com a fala da criança. Ali estava chato, ninguém dava atenção a ela, em sua tentativa de despertar seu interesse para o que os adultos que a conduziram até ali estavam fazendo naquele espaço. Do lado de fora, um jardim ensolarado a esperava e ela ali, sem atenção dos pais e sem participar de algo para sua idade. O museu naquele momento estava chato, mas ir ao museu não é necessariamente chato. Além disso, o pai não atendeu ao chamado da criança, não a envolveu ao que tanto ali interessava a ele. O museu, como ele disse, também não tem que apresentar o que é bonito; a beleza muitas vezes pode estar sublimada nas reflexões que podem despertar no visitante, através de peças ou cenas tristes, de sofrimento, até feias.

No entanto, aquela família estava fazendo algo fundamental: inserindo a criança, desde pequena, em seus hábitos de frequência de museus nos momento de lazer. Faltou aos adultos a preocupação com a qualidade desta ação, a habilidade em passar menos tempo na exposição seguindo o ritmo de concentração da criança, dar-lhe atenção e conduzi-la pelo espaço, não simplesmente deixando-a à parte, correndo como se estivesse num parque. A formação de hábitos de frequência de museus de crianças e jovens está vinculada à sua condução por adultos, sejam responsáveis das escolas de educação básica, ou como nesse caso, a família.

Introdução

Nesse texto, será abordado o papel da família na criação do hábito de crianças e adolescentes na frequência de museus de arte, a partir de dados coletados em recente pesquisa realizada para dissertação de mestrado pelo programa de pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da USP.

A pesquisa investigou o que leva os adultos a buscarem atividades num museu de arte nos momentos de lazer com a família. Foram verificadas as influências da família de origem (pais dos adultos acompanhantes dos mais jovens ao Museu) na formação de hábito de visitação a exposições de artes visuais, assim como experiências sociais da vida adulta e a incidência de visitas destes adultos com e sem a sua família atual.

De qualquer modo, a qualidade da experiência no museu é fator importante para o acesso voluntário continuado de frequência de exposições pelo público, ou seja, na criação desse hábito.

Antes de tratar das informações acerca do papel das famílias entrevistadas, é preciso delinear o que se compreende por família.

Sarti (1996, pp. 85-86), apesar de se referir a camadas específicas da população, aponta-nos à possibilidade de compreensão dos agrupamentos familiares em geral que certamente estiveram presentes no programa educativo do MAC-USP estudado:

A família, para os pobres, associa-se àqueles em quem se pode *confiar*. Sua delimitação não se vincula à pertinência a um grupo genealógico, e a extensão vertical do parentesco restringe-se àqueles com quem convivem ou conviveram, raramente passando dos avós. [...] Como não há *status* ou poder a ser transmitido, o que define a extensão da família entre os pobres é a rede de obrigações que se estabelece: são *da família* aqueles *com quem se pode contar*, isto quer dizer, aqueles que retribuem ao que se dá, aqueles,

portanto, para com quem se tem *obrigações*. São essas redes de obrigações que delimitam os vínculos, fazendo com que as relações de afeto se desenrolem dentro da dinâmica das relações descritas neste capítulo.

A noção de família define-se, assim, em torno de um **eixo moral**. Suas fronteiras sociológicas são traçadas a partir de um princípio da obrigação moral, que fundamenta a família, estruturando suas relações. Dispor-se às obrigações morais é o que define a pertinência ao grupo familiar. A argumentação deste trabalho vai ao encontro da de Woortmann (1987), para quem, sendo necessário um vínculo mais preciso que o de *sangue* para demarcar quem é parente ou não entre os pobres, a noção de *obrigação* torna-se central à ideia de parentesco, sobrepondo-se aos laços de *sangue*. Essa dimensão moral do parentesco, a mesma que indiferencia os filhos de *sangue* e de *criação*, delimita também sua extensão horizontal. Como afirma Woortmann (1987), a relação entre pais e filhos constitui o único grupo em que as obrigações são dadas, que *não se escolhem*. As outras relações podem ser seletivas, dependendo de como se estabeleçam as obrigações mútuas dentro da rede de sociabilidade. Não há relações com parentes de *sangue*, se com eles não for possível dar, receber e retribuir.

No contexto do programa educativo, sempre foram considerados como familiares os agrupamentos de adultos com crianças ou jovens, independente do grau de parentesco, sendo considerados dados seus vínculos afetivos como prioridade.

Alguns dados da pesquisa sobre as famílias frequentadoras do programa “Interar-te” do MAC USP

Para a pesquisa, foram entrevistadas as famílias que frequentaram o programa “Interar-te” do MAC-USP, por mais de uma vez, no período de seu início até o fim da gestão de diretoria, na qual foi criado, ou seja, outubro de 2006 a abril de 2010. O programa ainda é oferecido mensalmente aos sábados à tarde, de janeiro a novembro, com algumas exceções. O enfoque são as obras em exposição no Museu, seguidas de proposta prática ou reflexiva, na qual todos familiares são envolvidos. O papel dos adultos varia, às vezes são assistentes dos menores, ora parceiros na produção. O momento final de socialização promove aproximações e conhecimento fora do contexto cotidiano.

Das 103 famílias presentes nas 43 programações oferecidas no período delimitado para estudo, 18 participaram do “Interar-te” mais de uma vez e formaram os agrupamentos selecionados como amostra. Destas, 12 responderam ao chamado de participação da pesquisadora.

Dos 12 agrupamentos familiares entrevistados, obteve-se depoimento de 13 adultos, 9 crianças com idade entre 5 e 11 anos e 6 jovens com idade entre 13 e 20 anos. Das 17 crianças e jovens que participaram mais de uma vez do “Interar-te” no período estudado, 15 foram entrevistados. Entre os adolescentes, alguns já estavam com idade entre 18 e 20 anos à época da entrevista.

A maioria destas famílias residia próximo ao bairro do Museu: 58,3% até 6 km de distância, 8,3% de 6 a 12 km. Destas, 84% utilizaram como meio de transporte o veículo particular automotivo; 8% outro tipo de veículo próprio ou a pé; 8% transporte público. O índice de classificação econômica utilizado apontou que 75% correspondia à classe A e 25% à classe B.

Os eixos centrais da pesquisa foram investigar: 1. a origem do contato dos adultos desses agrupamentos familiares com a arte em geral, se estaria nos hábitos das famílias de origem ou em experiências da vida escolar ou adulta; 2. se os adultos entrevistados estavam proporcionando conhecimento em artes visuais e formação de hábito de frequência a exposições de arte às crianças e jovens nas atividades conjuntas de lazer que lhes proporcionam; e 3. se o programa “Interar-te” do MAC-USP contribuiu na promoção do conhecimento sobre artes visuais e proporciona a formação de hábitos de frequência a instituições culturais.

Estas três questões centrais foram distribuídas nos instrumentos de investigação e na coleta de dados junto às famílias, ou seja: nas entrevistas semiestruturadas com adultos, crianças e jovens; e, com as crianças até 12 anos, desenhos como estratégia de apoio. Também foram entrevistados os educadores assistentes da equipe e a diretora do Museu no período.

Comentaremos aqui dados coletados referentes aos dois primeiros eixos, dado ser a família o enfoque deste texto. Demais informações podem ser consultadas, na íntegra, na pesquisa disponível em sítio eletrônico citado na nota de rodapé do Resumo.

Das 23 atividades de lazer citadas de infância e adolescência dos 13 entrevistados adultos, a de cunho artístico-cultural mais recorrente foi o cinema (30,4%). Depois apontaram assistir TV (13%), ir ao teatro (13%), à biblioteca (4,3%), ouvir música (8,7%), visitar exposições (8,7%) e ir a espetáculos de dança (4,3%).

Os responsáveis pela condução a estas atividades relacionadas às artes em geral foram apontadas pelos entrevistados como sendo tanto pela família (61,7%) quanto pela escola de educação básica (61,7%; apontaram uma ou ambas referências, que totalizaram o valor indicado ao serem contabilizados separadamente). Os 8

adultos (61,5% dos entrevistados) que se referiram à influência da escola em sua iniciação à frequência de atividades artístico-culturais destacaram aulas de literatura e idas ao teatro. Acerca do que indicaram a condução por familiares, 25% apontou ser pela mãe, 25% pelo pai, 25% por pai e mãe, 25% pelos irmãos mais velhos e 12,5% por irmãos mais velhos e pai.

Estes dados nos permitem afirmar que a família de origem² exerceu influência significativa nos hábitos culturais dos adultos entrevistados. Este levantamento se refere ao contato inicial com as artes. Porém, sabe-se que a formação de hábitos culturais artísticos está relacionada à continuidade do contato e da frequência e, certamente, outras pessoas estão implicadas.

O segundo eixo da pesquisa se refere às artes visuais e à atuação dos adultos na formação de hábitos culturais de sua família atual. Verificou-se que ir aos museus é mais frequente para os entrevistados com os menores do que sozinhos; assim, pode-se inferir que este é um valor sobre formação de hábitos de cultura e educação das famílias. Ir a exposições com as famílias (69,2%) superou ir ao cinema (61,5%), em relação às atividades de lazer externas em geral citadas.

Foi verificado quem escolhe as atividades das famílias: obteve-se, dos 50% respondentes a esta questão, como maior índice serem sempre os adultos (33,4%); escolhas em comum (8,3%) e “depende da atividade” (8,3%) empataram; e foi apontado não deixarem a opção às crianças ou adolescentes (0%).

Estas informações já permitem a afirmação de que os adultos visam proporcionar atividades em museus com o propósito de for-

2. Pais e irmãos de uma pessoa; em geral, refere-se à família nuclear original de um adulto. NICHOLS & SCHWARTZ, 1998, p. 486.

mação de hábito de cultura. Para eles, a força que teve ir ao cinema, hoje, no contexto de um grande centro urbano, com ampla e diversa programação cultural, para o recorte da população que estes adultos representam como amostra da pesquisa, é, sem dúvida, um valor a estes adultos.

Ainda foi indagado o motivo da opção em participar da atividade no MAC-USP. Foram obtidas as respostas: busca de conhecimento sobre arte e cultura (83,3%), formação de hábito de cultura desde a infância e juventude (41,6%), poder estar com a família (33,3%), mediação com educador do museu (25,0%), atividade prática em oficina (16,6%) e *status* (8,3%).

Mas qual a percepção das crianças e dos adolescentes? Para a maioria dos entrevistados que vai a exposições pela programação escolar, ir com a família é diferente (46,7%); destes, 85,7% prefere ir com a família do que com a escola. Para os adolescentes, estar com os colegas de classe os distraem e tiram sua atenção do contato com as obras, além de seguirem uma proposta orientada pelos professores, não por eles próprios, como quando estão com familiares. Algumas crianças apontam que o que mais lhes marcou, nas participações do programa “Interar-te”, foi não só conhecer obras, mas o ambiente e o contato com pessoas diferentes; como proposto no Modelo de Experiência Interativa (FALK & DIERKING, 2011, p.5), os contextos físico e social são apontados como relevantes aos visitantes de museus.

Considerações finais

Ao participar do programa “Interar-te”, além de promover esta vivência às crianças, os adultos também participam e se transformam. As atividades não são mecânicas, não visam à aprendizagem

de procedimentos técnicos, mas o modo, utilizado pelos artistas, de materializar ideias, percepções, questionamentos, provocações.

A convivência familiar é valorizada e estimulada, assim como a troca de opiniões, de papéis – muitas vezes adultos, crianças e adolescentes discutem seus trabalhos como colegas, como iguais, apesar de suas diferenças. Ou seja, investe-se na qualidade da experiência no museu – não só do contato com a arte, mas da relação que se estabelece entre visitantes, familiares, a equipe de educadores e demais grupos que se encontram neste espaço, que é institucional.

O objetivo da pesquisa foi conhecer o perfil do público adulto que frequentou um museu com a família em busca de lazer, assim como o impacto dessas ações na qualidade das relações e vínculos no interior de cada família. Porém, não há dúvidas de que, nesse ínterim, promove-se conhecimento sobre arte. Afinal, o que move o programa são as exposições em cartaz no Museu de Arte Contemporânea, instituição que abriga mostras de arte moderna e contemporânea tanto de seu acervo quanto de demais procedências (colecionadores, outras instituições públicas ou privadas, artistas, etc.).

Para o trabalho com um público tão diverso, são utilizadas estratégias diferentes a cada sessão. No entanto, o excesso de recursos, de referências ou mesmo de atividades são desnecessários quando substituem a experiência do contato com as obras. Reconhecemos que, bem dosados, estes elementos facilitam a contextualização e podem favorecer o conhecimento e a experiência do público com as exposições. Mas uma análise como a da Prof^ª. Maria Isabel Leite, da Universidade do Extremo Sul Catarinense, em relação à qualidade das propostas de atividades em museus, norteia as ações do programa “Interar-te”. Para a professora, que é contundente na crítica ao uso de recursos de apoio à visita de uma exposição,

Alguns museus, ao se abrirem explicitamente ao público infantil, esmeram-se em recursos quase circenses e pirotécnicos para atraí-lo. Quando se objetiva levar crianças às exposições, normalmente se cria uma atividade anterior, um “chamariz”, uma “sedução” para atrair a presa à sua jaula – teatros, danças, filmes, brincadeiras ligadas ao pintor cuja obra está exposta... Será que precisamos criar “iscas” ou “disfarces” para as crianças se interessarem pelos espaços culturais? Parece que a obra como tal não é suficientemente atrativa. Mas coloco uma questão: os fins justificam os meios? Isto é: devemos fazer teatro de fantoches, jogos etc. e atrair o público abrindo uma possibilidade de experiência estética com as obras de arte, ou permanecer firmes no princípio de que as obras, por si, devem continuar sendo o foco central e serem atrativas por elas próprias? (LEITE & OSTETTO, 2005, p. 29)

É prioridade do programa, além da integração familiar, o contato de qualidade com obras de arte originais que proporcione conhecimento acerca da arte. São usadas estratégias lúdicas em algumas sessões, mas sempre dosadas para evitar que o estar no museu possa ser substituído por ações que poderiam ser feitas em qualquer outro lugar. Afinal, este é um lugar diferenciado, entre tantos outros em grandes cidades com programação cultural diversificada.

Encerro retomando o relato da vivência da criança da família citada no início dessa conversa. Os adultos fazem bem ao inserir a criança na rotina familiar. Porém, precisam considerar ser uma atividade com a criança, respeitando seu ritmo, interesses, procurando adaptar sua participação nos momentos em família. Ir ao museu com uma criança é diferente de ir ao museu com adultos. E o museu, se pretende receber as crianças e jovens, deve também se preparar para tal, não só com pessoal qualificado, mas com um espaço de diálogo com estes públicos, o que envolve as diversas

áreas de comunicação de uma exposição: do conceito curatorial aos recursos expográficos.

Referências bibliográficas

- BIELLA, A. A. A. S. *Famílias no museu de arte: lazer e conhecimento: um estudo sobre o programa educativo "Interar-te" do MAC-USP*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- FALK, J. H.; DIERKING, L. D. *The Museum Experience*. Walnut Creek, CA, USA: Left Coast Press, 2011.
- FERNANDES, D. *Avaliar para aprender: fundamentos, práticas e políticas*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- GROSSMANN, M.; MARIOTTI, G. (Orgs.). *Museum art today: Museu arte hoje*. São Paulo: Hedra, 2011.
- LEITE, M. I.; OSTETTO, L. E. (Orgs.). *Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte*. Campinas: Papyrus, 2005.
- NICHOLS, M. P.; SCHWARTZ, R. C. *Terapia familiar: conceitos e métodos*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- PUIG, J. M.; TRILLA, J. *A pedagogia do ócio*. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- ROMANELLI, G. *Famílias de camadas médias: a trajetória da modernidade*. 1986. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais/FFLCH, Universidade de São Paulo, 1986.
- SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- WORTHEN, B. R.; SANDERS, J. R.; FITZPATRICK, J. L. *Avaliação de programas: concepções e práticas*. São Paulo: Gente, 2004.